

A vitalidade da economia *Brasil*

Os que temiam a inundação do mercado interno com produtos importados, a destruição de muitos segmentos industriais e uma crise nas contas externas do País como consequência da maior exposição da economia brasileira à competição internacional devem estar mais tranquilos ante o desempenho da balança comercial nos últimos meses. As importações estão crescendo, sim, e muito, mas nem por isso ameaçam a economia brasileira, visto que, sendo o comércio exterior uma via de duas mãos, as exportações também crescem, garantindo ao Brasil um confortável superávit.

Desde que, por causa da segunda crise do petróleo (final da década de 70), as importações brasileiras explodiram, e até o início desta década o superávit comercial do País vinha sendo obtido graças a uma severa compressão das compras externas. Só nos últimos três ou quatro anos, como resultado da progressiva abertura da economia, as importações conseguiram sair do nível de US\$ 15 bilhões anuais para cerca de US\$ 20 bilhões. Neste ano, elas podem atingir o valor recorde de US\$ 25 bilhões, sem que o saldo comercial esteja ameaçado, pois as exportações devem chegar a US\$ 40 bilhões, garantindo, portanto, um superávit de US\$ 15 bilhões, igual ao de 1992 e 50% superior aos de 1990 e 1991.

Os números da balança comercial nos primeiros oito meses do ano, que acabam de ser divulgados pelo governo, são animadores. Embora as importações de agosto tenham sido 16% inferiores às de julho e o saldo de agosto deste ano tenha sido inferior ao de igual mês do ano passado, a balança comercial brasileira registra, nos oito primeiros meses de 1993, três importantes recordes: a maior corrente de comércio (exportações mais importações), no valor de praticamente US\$ 42 bilhões, o maior volume de exportações (de US\$ 25,5 bilhões) e o maior volume de importações (de US\$ 16,4 bilhões).

Apesar de ter atingido esses recordes, a ba-

lança comercial brasileira ainda tem muito espaço para se expandir, visto que, mesmo totalizando US\$ 25 bilhões neste ano, as importações representarão apenas 5% ou 6% do PIB brasileiro. Quanto às exportações, continuarão abaixo de 10% do PIB. São índices muito baixos se comparados aos dos países em desenvolvimento que mais têm crescido nos últimos anos, que são os asiáticos.

Mesmo assim, não se pode deixar de ressaltar o bom desempenho da balança comercial brasileira nos últimos meses, numa nova demonstração da extraordinária vitalidade da economia, agora visível também nos principais indicadores de produção. A cada mês, por exemplo, o Ipea, instituto de pesquisa econômica vinculado ao Ministério do Planejamento, vem revendo, para cima, suas previsões sobre o crescimento da economia (sua previsão mais recente é de uma expansão de 4,7% do PIB neste ano). Do lado do empresariado, apesar das opiniões de alguns analistas de que o nível de atividades tende a diminuir daqui para a frente, persiste a confiança de que este ano será bem melhor do que 1992.

A expectativa otimista do empresariado deverá se fortalecer agora que, decidida finalmente a questão da revisão constitucional, foi superado o maior obstáculo que havia ao ajuste fiscal indispensável ao estabelecimento do equilíbrio permanente das finanças do governo. Já se sabe que a inflação brasileira tem, ao mesmo tempo, um fortíssimo componente político e uma indiscutível influência sobre a atividade econômica. Quando há pessimismo, maior a oscilação, para cima, dos índices de inflação, e menor o volume de negócios. Inversamente, quando se desanuvia o ambiente político, menores as pressões inflacionárias e maiores os estímulos à produção. É este o ambiente em que vivemos agora e que, se mantido, assegurará uma expansão constante do comércio exterior e, também, da produção, do emprego e da renda nacional.